

As diferentes abordagens epistemológicas no uso dos cinco tipos de triangulação

The different epistemological approaches in the use of the five types of triangulation

DOI: 10.34140/bjbv3n5-012

Recebimento dos originais: 04/03/2021

Aceitação para publicação: 30/06/2021

Wanderley Ramalho

Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Fundação Pedro Leopoldo - FPL

Endereço: Rua

Flor de Guambé 31 apto 803 bloco 2 – Bairro – União,
CEP: 31.160-290, Belo Horizonte - Minas Gerais, Brasil

E -mail: w.ramalho@yahoo.com.br

Simone Boruck Klein

Mestre em Administração pela Fundação Pedro Leopoldo – FPL

Mestre em Contabilidade pelo PPGC – Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

Endereço: Rua Pedro Ivo, 2376 – Bairro Country, CEP: 85.813-230, Cascavel-PR, Brasil

E-mail: simoneboruck@uol.com.br

Salette Silveira Azevedo

Mestre em Administração pela Fundação Pedro Leopoldo – FPL

Faculdade de Pinhais – FAPI

Endereço: Rua Primeiro de Maio, 554 apto 501, Centro, CEP: 83.323-020, Pinhais – PR, Brasil

E-mail: salettesilveirazevedo@gmail.com

RESUMO

Os pesquisadores em Ciências Sociais têm buscado, de modo recorrente, um maior rigor aos procedimentos metodológicos, tendo em vista o exame de fenômenos na referida área. Sob tal pressuposto, as contribuições teóricas deste estudo se voltam, à lacuna existente entre os paradigmas científicos e os tipos de triangulação, com o propósito deste ampliar conhecimentos, para a continuação na busca por novos métodos para aplicação em pesquisas científicas. Trata-se de um ensaio teórico que se assenta em estudos sobre a estratégia metodológica de triangulação em artigos publicados e disponibilizados em periódicos nacionais e internacionais de maior proeminência. Ademais, a análise e a reflexão apresentadas fundamentam-se na interpretação articulada do marco teórico de referência, sob o método dedutivo e caráter descritivo e analítico. Como resultado, apresenta-se uma síntese valorativa da tipologia de triangulação. De modo complementar, são explicitadas as principais características que os definem, além das quantidades de abordagens epistemológicas possíveis para cada tipo de triangulação. Nesse sentido, o aprofundamento de estudo a respeito da estratégia metodológica da triangulação contribui para a sua crescente aprovação na comunidade científica, consolidando-se, cada vez mais, como uma alternativa segura para que contradições nas análises dos fenômenos investigados sejam minimizadas.

Palavras-chave: Pesquisa em Ciências Sociais. Triangulação. Estratégia metodológica.

ABSTRACT

Researchers in Social Sciences have repeatedly sought greater rigor in methodological procedures, with a view to examining phenomena in that area. Under this assumption, the theoretical contributions of this

study are directed to the existing gap between scientific paradigms and types of triangulation, with the purpose of expanding knowledge, to continue the search for new methods for application in scientific research. This is a theoretical essay based on studies on the triangulation methodological strategy in articles published and made available in national and international journals of greater prominence. In addition, the analysis and reflection presented are based on the articulated interpretation of the theoretical framework of reference, under the deductive method and descriptive and analytical character. As a result, an evaluation summary of the triangulation typology is presented. In a complementary way, the main characteristics that define them are explained, in addition to the number of possible epistemological approaches for each type of triangulation. In this sense, further study of the triangulation methodological strategy contributes to its growing approval in the scientific community, consolidating itself, increasingly, as a safe alternative so that contradictions in the analysis of the investigated phenomena are minimized.

Keywords: Research in Social Sciences. Triangulation. Methodological strategy.

1 INTRODUÇÃO

Neste ensaio, o tema estudado concentra-se na triangulação como uma estratégia metodológica de pesquisa, nessa perspectiva, dependendo do foco de investigação específico e do delineamento da pesquisa, diferentes concepções podem ser apresentadas à triangulação. Busca-se, então, neste estudo, descobrir novos meios de geração de conhecimento, quebrando a hegemonia da utilização dos três primeiros tipos de triangulação, bem como apresentar subsídios, a fim de se ampliar o campo de pesquisa científica para os dois últimos tipos de triangulação descritos, aqui, como forma de comprovar fenômenos na área de Ciências Sociais com mais firmeza e convicção.

Importante salientar que o interesse de estudiosos e pesquisadores pela triangulação como metodologia aplicada à pesquisa não é recente, uma vez que os primeiros estudos na área de Psicologia remontam à década de 50, do século 20 (CAMPBELL; FISKIE, 1959). Apesar de sua popularização, em meados dos anos 80, a triangulação continua, ainda hoje, sendo tema de debates e discussões.

Um paradigma de pesquisa é uma combinação aceita por pesquisadores quanto aos aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos, cujo intuito é o de investigar um determinado fenômeno (KUHN, 1970). Este paradigma, em sua essência, configura-se como “premissas, práticas e também concordâncias da comunidade acadêmica” (LEWIS; GRIMES, 2005, p.73). Outro paradigma é o positivista, o qual age como pano de fundo para fundamentar as ciências. De modo geral, nas últimas décadas, o embasamento deste paradigma reuniu o pensamento cartesiano, a lógica e o estudo da natureza. Não obstante, o rigor matemático destaca-se como supremacia diante das demais fontes epistemológicas existentes.

Além desses paradigmas, outras perspectivas vêm sendo desenvolvidas e, na atualidade, têm ganhado forças em se tratando de visão filosófica na pesquisa em Ciências Sociais. Dentre essas perspectivas, destaca-se a interpretativa, para a qual a subjetividade do pesquisador desempenha papel fundamental na análise do fenômeno pesquisado. Ademais, a teoria crítica, que surgiu com ênfase a partir

da década de 60, traz novos pressupostos filosóficos, contrários à premissa de fragmentação do conhecimento.

Nessa linha prospectiva, os desdobramentos conduzem ao construtivismo, que percebe o conhecimento como uma construção do sujeito, e mais recentemente, ao paradigma da complexidade. Essas novas posturas metodológicas estão basicamente sustentadas pela busca de uma visão ampliada da realidade e não mais da linearidade e da fragmentação, apoiadas no paradigma positivista (TASHAKKORI; TEDDLIE, 2010).

A partir da “guerra de paradigmas”, manifestada pelas ciências modernas, igualmente, a partir da transição paradigmática, a triangulação tem se desenvolvido com o objetivo de assegurar maior vitalidade metodológica. Sob esse prisma, parte de um conceito de convergência entre múltiplas e diferentes fontes de informação, por meio da qual são formados temas e categorias de um estudo, podendo oferecer uma compreensão mais abrangente e profunda de um determinado fenômeno social (CRESWELL; MILLER, 2000).

Em conformidade com Greene, Caracelli e Graham (1989), a grande vantagem da triangulação se encontra no desenvolvimento sequencial da utilização de métodos. Desse modo, a combinação de métodos de pesquisa traz uma grande possibilidade de neutralizar as falhas e fortalecer os benefícios de ambos os métodos utilizados (HUSSEIN, 2015).

Como fundamento para este estudo, apresenta-se um histórico da triangulação, com uma visão de seus propósitos, em conformidade com ideias e pontos de vista de diversos autores, assim como apresentação e especificação de características e análise interpretativa dos cinco tipos mais conhecidos desta estratégia metodológica, a saber: triangulação de dados; triangulação de investigadores; triangulação de métodos; triangulação de teorias e triangulação de perspectivas filosóficas. A profusão de controvérsias ontológicas, epistemológicas e metodológicas torna a decisão a respeito da validade dos métodos de investigação da realidade social extremamente difícil.

Destarte, neste estudo, são examinados os conceitos e as características da triangulação em seus diferentes aspectos relativos às Ciências Sociais, tendo em vista que o seu objetivo corresponde ao aprofundamento de conhecimento, haja vista a distinção entre os níveis de triangulação existentes e a análise das principais contradições dos paradigmas científicos. Nesse sentido, busca-se contribuir com as pesquisas acadêmicas, estabelecendo relação entre os tipos de triangulação e as quantidades de abordagens possíveis para sua utilização.

Importante destacar que a busca por um melhor entendimento para o uso das diferentes abordagens epistemológicas, nos diferentes tipos de triangulação, contou com o aporte teórico da literatura da área de Ciências Sociais, somado à pesquisa feita em bases de dados de diferentes portais de periódicos.

Enfatiza-se que não houve corte temporal ou delimitação de período ou época, devido ao número reduzido de publicações sobre o respectivo tema. Assim, todas as publicações disponibilizadas nos portais

pesquisados foram consideradas. A justificativa para a pesquisa em portais de periódicos se dá pela abrangência e relevância de publicações na área de conhecimento em evidência. Apesar de restrito e com limitações no que tange ao seu uso em pesquisas, o empreendimento de estudos sobre a triangulação na produção científica é significativo e desafiador.

Sendo assim, por meio deste estudo, não se pretende esgotar questões relativas ao uso da triangulação. Ao contrário, o intuito é o de provocar novas inquietações e, com isso, novas pesquisas científicas e, por extensão, a ampliação de publicações.

2 HISTÓRICO E PROPÓSITOS DA UTILIZAÇÃO DA TRIANGULAÇÃO

O termo triangulação teve sua origem na trigonometria e na geometria. Sua aplicação mais ampla ocorre na navegação e na topografia e tem seu uso definido quando se pretende fixar uma posição em um ponto específico, oriundo de outros dois pontos, cuja distância entre eles é previamente identificada (COX; HASSARD, 2005).

Nas Ciências Sociais, o termo triangulação ganha um aspecto ambíguo e menos literal. Para Smith (1981), é usado como metáfora para descrever o uso de várias metodologias, cuja finalidade é a de compreender fenômenos.

Considerando pesquisas realizadas, o início dos estudos e, até mesmo, da aplicação da triangulação se deu na área de Psicologia, com Campbell e Fiske, tendo em vista que estes estudiosos tinham o objetivo de verificar a complementação resultante de diferentes técnicas quantitativas. Para este fim, os pesquisadores formularam matrizes que determinavam o grau de convergência existente entre os resultados da investigação e conferindo, assim, uma nova forma de validação (KELLE, 2005).

Em 1970, a concepção da TRIANGULAÇÃO foi usada por Denzin, dentro do paradigma qualitativo. Segundo argumentação deste autor, as hipóteses que passavam por triangulação seriam mais válidas das que as que não passavam. Com base nessas premissas, Denzin se torna o grande propagador da triangulação, pois, com o tempo, amplia seus conceitos e descreve quatro tipos diferentes de triangulação possíveis.

Posteriormente, Bechara e Van de Ven (2011) acrescentam o quinto tipo de categoria da triangulação, a qual tem sido considerada uma alternativa inovadora de pesquisa para muitas áreas do conhecimento até os dias atuais.

De maneira igual, após a classificação dos quatro primeiros tipos de triangulação, Denzin (1970) percebe a triangulação como uma força na validade interna e externa da pesquisa, uma vez que, segundo ele, cada método apresenta suas fraquezas e virtudes. O grande objetivo da triangulação passa a ser, de acordo com este estudioso, a validação dos resultados em caso de convergência entre eles. Sob essa perspectiva, esse conceito passa a ser considerado clássico na triangulação.

Oportuno considerar que a visão inicial da triangulação se reduzia ao viés da integração e produção

de resultados que capturassem uma realidade social unificada. (MODELL, 2009). Todavia, a partir dos debates feitos por teóricos a respeito dos propósitos da mesma, a visão da utilidade de sua aplicação passa a ser ampliada.

Para Shih (1998), o uso da triangulação é proposto para a confirmação e conseqüente complementaridade do propósito da pesquisa. Distintamente, outros autores afirmam que existem diversos usos para a triangulação, porém o de menor força é a validação, devido às contradições possíveis nos resultados (MORSE, 1994; KELLE, 2005; FLICK, 2005).

De forma consensual, para muitos estudiosos, o uso da triangulação é de grande valia, uma vez que favorece a integração de diferentes perspectivas do fenômeno estudado. Nessa linha de pensamento, a complementaridade constitui o fundamento da triangulação.

Limitar, portanto, a triangulação como fonte de validação de pesquisa é um tanto quanto paradoxal, pois cada um dos métodos contém seus erros intrínsecos e, quando cruzados, podem duplicar esta característica (KELLE, 2005). Assim, a mais-valia da triangulação consiste em dar liberdade crítica aos pesquisadores diante dos dados coletados, objetivando a busca nos efeitos de qualidade, e não meramente em sua validade.

Outros aspectos merecem destaque quando se trata da aplicação da triangulação. Dentre esses, a possível ênfase de contradições e paradoxos descobertos a partir do seu uso (KELLE; ERZBERGER, 2005) e como forma de aprofundamento de pesquisa, para a qual o segundo método deve partir das informações coletadas no primeiro método (GREENE; CARACELLI; GRAHAM, 1989).

Para Morse (1994), o pesquisador usa de um paradigma qualitativo ou quantitativo de sua preferência e, a partir dessa escolha, faz a devida opção pelo uso inicial. Em conseqüência, mediante as primeiras coletas de dados, podem surgir contradições, o que exige a entrada de um segundo paradigma, a fim de dar consistência aos resultados.

Já para Modell (2009), a lógica da integração consiste em combinar informações complementares do mesmo fenômeno, mas sem usar um método como “base de fundo para descobertas derivadas de outro método sem qualquer integração mais próxima entre eles” (p.209).

Pelas exposições feitas, infere-se que o uso da triangulação tem sido defendido por vários estudiosos que veem sua finalidade na integralidade do propósito da pesquisa, na compreensão profunda desta e, de modo especial, no que tange aos problemas de pesquisa complexos e inexplorados (CRESWELL; CLARK, 2007).

Sob essa lógica, a combinação de práticas metodológicas, de dados, de investigações e de perspectivas num único estudo é melhor entendida como uma estratégia que agrega rigor, complexidade de amplitude, riqueza e profundidade a um estudo (FLICK, 2005).

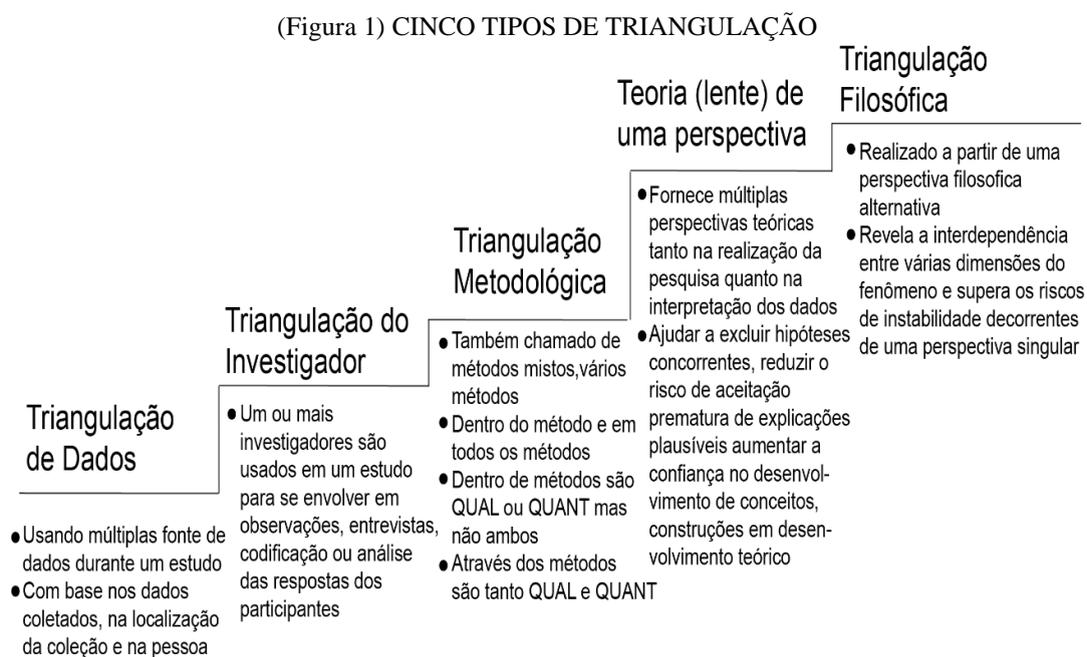
Diante desses argumentos, a triangulação passa a ser vista não somente como fonte de validação de resultados, mas também, como uma concepção mais realista e pragmática. Ou seja, uma concepção que

se mostra válida para o desenvolvimento epistemológico das ciências por meio de aprofundamento da compreensão de um determinado fenômeno.

Com o crescimento do Movimento de Métodos Mistos de Pesquisa (MMR), nos últimos anos, a triangulação surge como um dos principais componentes do mesmo. Para Tashakkori e Teddlie (1998), esta é, pois, uma orientação metodológica que tem sua própria visão de mundo, seu vocabulário próprio e suas próprias técnicas.

3 CLASSIFICAÇÃO DE DIFERENTES TIPOS DE TRIANGULAÇÃO

Na atualidade, a tipologia de triangulação é constituída por cinco tipos distintos como já especificado (JOSLIN; MÜLLER, 2016; LEWIS; GRIMES, 2005; BECHARA; VAN DE VEN, 2011), o que se pode conferir pela Figura 1 que, além de apresentá-los, detalha as características de cada um dos tipos constitutivos. Tais características são examinadas na sequência do estudo.



Fonte: Joslin; Müller (2016)

De acordo com as características descritas na Figura 1, verifica-se que os diferentes tipos de triangulação podem ser usados separadamente ou em conjunto em um mesmo estudo.

Ao se analisar a literatura concernente à triangulação, depreende-se que a mesma apresenta, de modo geral, a redução de viés e o aumento da validade dos resultados como os principais objetivos a serem alcançados por meio de sua utilização nos estudos dos fenômenos sociais. Os quatro primeiros tipos de triangulação se enquadram parcialmente neste perfil, porém a triangulação filosófica ou metatriangulação, como também é conhecida, ajuda a aumentar a validade de forma indireta, com ênfase nos dados divergentes.

Para Joslin e Müller (2016), a triangulação tradicional, correspondente aos quatro primeiros tipos - de dados, do investigador, metodológica e de uma perspectiva, deixam transparecer a confiabilidade, tendo como base os dados convergentes. Já a quinta triangulação, a filosófica, especifica a validade em dados divergentes ao mesmo tempo em que fornece uma forma de inclusão, incorporação e manutenção de achados ou de perspectivas pluralistas, contraditórias ou inconsistentes.

Complementarmente, na Figura 2, são apresentadas diferentes nomenclaturas para os mesmos tipos de triangulação abordados neste estudo.

(Figura 2) DIFERENTES NOMENCLATURAS PARA A TIPOLOGIA DA TRIANGULAÇÃO

Diferentes nomenclaturas para os cinco tipos de triangulação

Triangulação de dados	triangulação de fontes de dados, triangulação de múltiplos dados, múltiplas fontes de dados
Triangulação do investigador	múltiplos observadores, múltiplos entrevistadores, múltiplos analistas de dados
Triangulação de métodos	triangulação metodológica, triangulação de múltiplos métodos, triangulação de métodos mistos, pluralismo metodológico, multimétodos, múltiplas análises de dados
Triangulação de teorias	triangulação de múltiplas teorias, triangulação teórica, pluralismo teórico, triangulação de teorias múltiplas, triangulação de perspectivas teóricas, múltiplas lentes teóricas
Triangulação filosófica	metatriangulação, triangulação multiparadigmática, triangulação multidimensional

Fonte: Hussein (2015)

A classificação das nomenclaturas, resultante da pesquisa realizada na literatura da área, explicitada na Figura 2, não representa convictamente uma união de conceitos e preceitos. Não obstante, visa fornecer uma taxonomia de conjuntos de diferentes tipos de triangulação. Isso porque algumas terminologias carregam consigo significados próprios, podendo fornecer, dessa maneira, um significado mais amplo à sua utilização.

Na sequência deste estudo, cada um dos cinco tipos de triangulação é detalhado de acordo com as características que estruturam cada especificidade.

3.1 TRIANGULAÇÃO DE DADOS

Na triangulação de dados, as técnicas de coleta destes constituem um conjunto de instrumentos utilizados na captação dos mesmos, tais como: entrevista, observação participativa, trabalho de campo, análise documental, entre outros.

Independente da quantia de instrumentos possíveis e viáveis, a triangulação de fontes de dados ocorre quando se utiliza apenas uma técnica de coleta de dados, contanto que esta técnica ocupe diferentes momentos de tempo, diferentes espaços e diferentes pessoas.

Para Denzin (1970), a triangulação de dados acontece quando há variação de dados em um determinado tempo, considerando o processo de coleta e as pessoas envolvidas. Caracteriza-se, assim, pelo uso de múltiplas fontes de dados, acessadas ao longo do tempo e do espaço, como também, de diferentes pessoas pesquisadas. Ressalta-se, porém, que os dados devem ser coletados por um único método ou técnica de pesquisa (HUSSEIN, 2015).

3.2 TRIANGULAÇÃO DO INVESTIGADOR

Na triangulação do investigador, os dados são coletados por indivíduos diferentes, tendo em vista um mesmo fenômeno. Sendo assim, os resultados obtidos com os diferentes conjuntos de dados são comparados, a fim de se verificar a influência dos vários investigadores sobre o resultado da pesquisa e sobre o problema pesquisado (DENZIN, 1970).

O uso desses investigadores pode ocorrer em qualquer estágio da pesquisa, assim como podem buscar um mesmo fim de confirmação dos observadores, entrevistadores, codificadores ou analistas de dados (THURMOND, 2001).

Com o propósito de se produzir melhores pesquisas, o uso da triangulação do investigador é uma prática parcialmente usual, como assinala Torrance (2012, p.120): “Esses pesquisadores múltiplos podem e devem incluir os próprios pesquisadores na pesquisa [...] a aspiração deve se ligar à triangulação e à validação do respondente para o engajamento democrático da participação no desenvolvimento de programas e no uso das descobertas de pesquisas a nível local”.

Desse modo, semelhante a uma auditoria, por meio do uso da triangulação do investigador, busca-se a consistência dos dados, propondo-se, com isso, a diminuição do viés inerente ao uso de um só investigador (DENZIN, 1970).

3.3 TRIANGULAÇÃO DE MÉTODOS

Na atualidade, a combinação de métodos por triangulação é a prática mais usual de triangulação aplicada a pesquisas, podendo ocorrer dentro de um método ou entre métodos.

Caso a triangulação ocorra dentro de uma exclusiva abordagem quantitativa (QUANT) ou de uma exclusiva abordagem qualitativa (QUAL), diz-se que ocorre dentro do método. Exemplo desta abordagem são os métodos de procedimentos que fazem a triangulação com múltiplos métodos complementares dentro de um único paradigma, tanto para coleta quanto para a análise dos dados (HUSSEIN, 2015).

Quando diferentes abordagens QUANT e QUAL são combinadas num estudo, a triangulação ocorre entre métodos, com o objetivo de se obter melhores resultados de pesquisa. Essa combinação “aumenta a capacidade de descartar explicações rivais [...] e reduz o ceticismo dos achados relacionados à mudança” (HINDS, 1989, p.442).

Dois argumentos se destacam no debate teórico a respeito dos métodos de investigação. Por um

lado, defende-se a ideia de uma incompatibilidade ontológica e epistemológica entre as abordagens QUANT e QUAL. Por outro lado, argumenta-se que o uso da triangulação tem produzido inferências mais compactas nas últimas décadas.

Em se tratando dos embates sobre os métodos de investigação científica, ao longo do tempo, estes podem ser organizados em, pelo menos, três fases.

Na primeira fase, de 1970 a 1990, defendia-se que os métodos QUANT e QUAL não poderiam ser combinados devido às diferenças epistemológicas, provocando, assim, incompatibilidade.

Na segunda fase, de 1990 a 2005, segundo Denzin (2010, p.421-422), o debate girava em torno de “qual dos paradigmas foi mais revolucionário ou mais capacitador”.

Já na terceira fase, de 2005 até o momento atual, a tese de compatibilidade passou a defender o uso de métodos QUANT e QUAL de forma conjunta, alegando não haver incompatibilidade em nível prático ou epistemológico entre os mesmos.

Pertinente enfatizar, então, que os métodos QUAL e QUANT podem ser combinados de modo simultâneo ou sequencial, assim como podem passar por vários ciclos. Entretanto, é comum a preponderância de um método sobre o outro por meio de diferentes pesos para cada abordagem, da mesma forma que ambas as abordagens podem receber a mesma importância. Conseqüentemente, o uso das duas abordagens pode ocorrer em momentos distintos como na investigação, na análise dos dados ou, até mesmo, na articulação dos resultados (DUARTE, 2009).

Tendo em vista que tanto a coleta quanto a análise dos dados são feitas de forma independente, ainda não existe uma integração dos métodos QUANT e QUAL com profundidade. Diante disso, são utilizadas as opções “uma-depois-da-outra” e “em paralelo”, respeitando-se os vários níveis de independência das estratégias ou a dominância, com suas diferentes preferências (FLICK 2005).

Nesse aspecto, é essencial frisar que os métodos utilizados em uma pesquisa científica se baseiam no posicionamento epistemológico escolhido pelo pesquisador, devendo este ter uma clara compreensão da posição ontológica e epistemológica do fenômeno a ser investigado. Por essa razão, uma estratégia de investigação deve ser utilizada com o uso de métodos subjacentes ao problema de pesquisa, os quais estabelecem as direções de um projeto (DENZIN; LINCOLN, 2011).

3.4 TRIANGULAÇÃO DE TEORIAS

Para Kerlinger (1980, p.18), “O propósito básico da ciência é chegar à teoria, inventar e descobrir explicações válidas de fenômenos naturais”. Sob esse pressuposto, a teoria desempenha um papel fundamental nas pesquisas científicas, pois estuda as variáveis e suas relações.

Todavia, de acordo com Joslin e Müller (2016, p.1043), muitas vezes, “a pesquisa é feita sobre uma perspectiva teórica estreita [...] os praticantes possuem uma multidão de perspectivas ao mesmo tempo”.

Importante ressaltar que todas essas perspectivas podem não ser exploradas devido ao recorte restrito da pesquisa e à abordagem filosófica adotada.

A triangulação de teorias ocorre, portanto, quando se busca usar duas ou mais teorias num único estudo, podendo ser com abordagens epistemológicas complementares ou concorrentes.

Como resposta ao desafio de conduzir pesquisas relevantes, Poole & Van de Ven (1989, p.563) afirmam: “busquem tensões ou oposições teóricas e as utilizem como estímulos ao desenvolvimento de teorias mais abrangentes”.

Todo pluralismo teórico busca, assim, colocar em evidência uma realidade vista por lentes múltiplas e, simultaneamente, para examinar a dimensão de um problema de pesquisa, resolvendo um dos grandes dilemas do pesquisador ao iniciar o seu estudo: Qual teoria e qual abordagem se adaptam melhor ao problema de pesquisa?

Para Hopper e Hoque (2006), a revisão com teorias concorrentes traz uma perspectiva mais adequada à sua análise empírica. Outrossim, essa visão múltipla e simultânea de teorias cria a teoria da situação existente (HOQUE; COVALESKI; GOONERATNE, 2013).

Algumas das vantagens do uso da triangulação de teorias ou triangulação teórica são as amplitudes de pesquisa quanto à contextualização da realidade do fenômeno e as produções de contribuições teóricas significantes. Isso porque, dificilmente, há uma teoria detentora do monopólio das explicações do fenômeno examinado. Logo, a combinação de teorias permite melhor captação dos aspectos sociais, econômicos e dos contextos culturais do fenômeno estudado (HOPPER; HOQUE, 2006).

Destarte, usar múltiplas perspectivas teóricas pode sensibilizar os pesquisadores para conclusões concorrentes ou complementares.

Para Hoque, Covaleski e Gooneratne (2013), uma boa escolha de métodos de pesquisa, associada ao uso de teorias com bases epistemológicas, explora camadas diferentes e até contraditórias da realidade.

Distintamente, Lukka e Mouritsen (2002) assinalam que o uso de uma teoria e de um mono paradigma tem papel delimitado, o que viabiliza confiança demasiada em um mesmo paradigma. Para estes autores, a adoção de uma única teoria para o estudo de um fenômeno social impõe limites à análise. Com isso, deixa-se de considerar aspectos relevantes à sua compreensão.

Como crítica à triangulação de teorias, Ahrens e Chapman (2006) enfatizam que, apesar desta teoria ligar os pesquisadores na interpretação de dados, sob o papel de disciplinar e validar os achados da pesquisa, assim como é capaz de ligar o pesquisador à comunidade de pesquisa da qual este faz parte, isso não anula o uso de múltiplas teorias para dar sentido aos resultados. Não obstante, a triangulação nunca poderá produzir resultados universais.

Isso posto, ao se optar pelo uso do pluralismo teórico, há necessidade de justificativa para a seleção de teorias e como as mesmas, vindo de campos epistemológicos contrastantes, podem sintetizar uma explicação ampla. Sendo assim, se o seu uso for bem aplicado pode ajudar a diminuir as diferenças

paradigmáticas e as limitações de cada abordagem (HOQUE; COVALESKI; GOONERATNE, 2013).

3.5 TRIANGULAÇÃO FILOSÓFICA

A metatriangulação ou triangulação filosófica constitui-se em pesquisa que utiliza a visão multiparadigmática ou multidimensional. Tal visão tem por fundamento a justaposição de perspectivas filosóficas, a investigação multiparadigmática e busca, fundamentalmente, a realização de novas teorias (LEWIS; GRIMES, 2005).

Na contemporaneidade, muitos pesquisadores visam a uma abordagem mais holística de métodos de pesquisa, cujo intuito é o de identificar novos fenômenos e “neutralizar a escassez atual em novas teorias” (ALVESSON; SANDBERG, 2013 p.1044), bem como avançar na contextualização da pesquisa em Ciências Sociais (FLYVBJERG, 2001).

De acordo com Joslin e Müller (2016), a abrangência limitada de cada paradigma filosófico restringe a diversificação de abordagens de pesquisa, provocando uma escassez de modelos que representem alguns novos fenômenos atuais como, por exemplo, os tecnológicos.

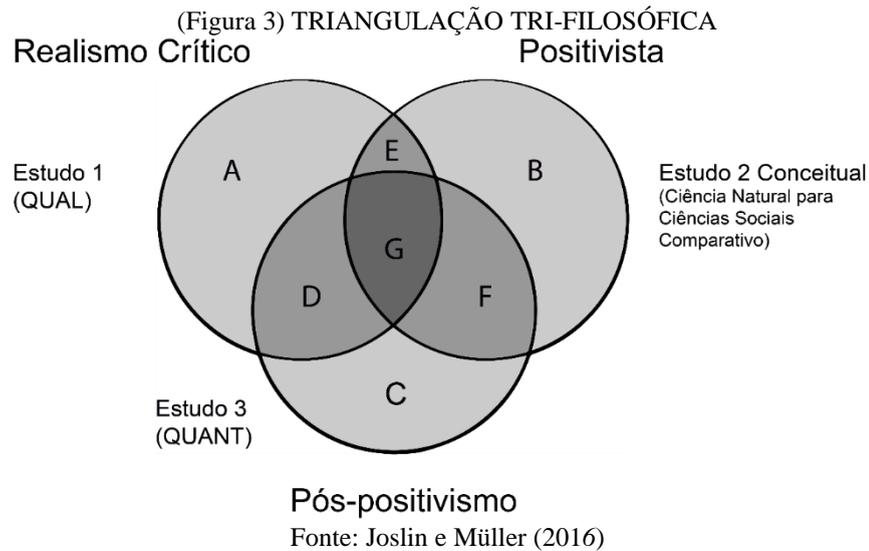
Diferentemente, a utilização de abordagens múltiplas, embasadas em paradigmas distintos, amplia o escopo da pesquisa e permite uma compreensão mais abrangente dos fenômenos. Ao fazer uso de um paradigma apenas, o número de projetos de pesquisa que pode ser desenvolvido torna-se limitado. Por outro lado, é possível trabalhar com projetos de pesquisa similares e com resultados praticamente previsíveis.

A aplicação simultânea de várias perspectivas se aproxima da realidade dos praticantes, o que favorece a criação de situações mais realistas aos pesquisadores. Além disso, há a vantagem de que duas perspectivas para um mesmo fenômeno fornecem uma identificação mais abrangente do fenômeno em si, de seu contexto e do alcance do mesmo (JOSLIN; MÜLLER, 2016).

Seguindo a classificação feita por Lewis e Grimes (2005), a pesquisa multiparadigmática ou triangulação filosófica é dividida em três modelos distintos:

- revisões multiparadigmáticas: neste primeiro modelo, utilizam-se duas técnicas: o agrupamento e a ligação de paradigmas; no agrupamento, o pesquisador é levado a refletir sobre o foco e as limitações dos vários paradigmas; já a ligação de paradigmas “propõe zonas de transição: visões teóricas que liguem os paradigmas” (p. 74);
- pesquisa multiparadigmática: neste segundo modelo, os pesquisadores utilizam lentes de paradigmas concorrentes, uma de cada vez; ocorre tanto em estudos sequenciais quanto em estudos paralelos e “utilizam paradigmas múltiplos (seus métodos e seus respectivos focos) na coleta e na análise de dados” (p. 75);
- construção multiparadigmática de teorias: neste terceiro modelo, ocorre a acomodação de visões opostas em uma perspectiva multiparadigmática; instiga-se a compreensão das diferenças e inter-

relações, sem que se estimule a unificação ou síntese dos diferentes paradigmas, “são explorados padrões” resultantes da interconexão; é como se vozes estivessem em debates para realçar vários interesses de pesquisa; por meio deste método, são construídas teorias metaparadigmáticas (p. 76). Na Figura 3, a visão da triangulação filosófica se refere ao terceiro método conceituado pelos referidos autores.



Joslin e Müller (2016) utilizaram, em seu estudo, o conceito de Lewis e Grimes (2005), no qual foram analisadas três pesquisas por diferentes perspectivas filosóficas: realismo crítico, positivismo e pós-positivismo. Segundo esses pesquisadores, a triangulação filosófica é um caminho que favorece a descoberta de novos fenômenos. No entanto, isso só ocorre quando três ou mais perspectivas são avaliadas.

Para se desenvolver um núcleo e conhecimento independente de um novo fenômeno, alguns passos são considerados basilares, tais como: delimitar, por interconexões, os resultados em comum; buscar as diferenças de resultados; ressaltar as tensões intrínsecas de cada paradigma com suas limitações e excluir interpretações específicas de cada paradigma.

A Figura 3 apresenta os resultados descritos no estudo de Joslin e Müller (2016) e os identifica por meio das letras A, B e C. A respectiva figura explicita o porquê da necessidade de, no mínimo, três perspectivas para se alcançar um novo fenômeno, representado pela letra G.

Caso houvesse somente duas perspectivas filosóficas, haveria somente uma interconexão que não poderia ser explicada por nenhuma das duas perspectivas isoladamente, pois não seria possível identificar se a mesma é derivada do mesmo fenômeno.

Já na triangulação tri-filosófica, existem conjuntos de três fenômenos: D, E F, os quais atuam como lente para a compreensão mais profunda do fenômeno G.

Os tipos de problemas que exigem a metatriangulação são aqueles que necessitam de “pontos de vista de múltiplas partes interessadas e a cognição distribuída” (BECHARA; VAN DE VEM; 2011,

p.359).

Quando há convergência entre os pontos de vista múltiplos, as visões devem ser integradas, com realização de uma compilação e coordenação entre as perspectivas. Entretanto, quando não há convergência, o que frequentemente ocorre, a triangulação divergente deve ser executada pela arbitragem e coordenação de conhecimentos individuais, sem o que se denomina de reducionismo mediático (BECHARA; VAN DE VEN, 2011).

(Figura 4) QUANTIDADES DE ABORDAGENS EPISTEMOLÓGICAS POSSÍVEIS PARA CADA TIPO DE TRIANGULAÇÃO

Tipos de triangulação	Quantidade de abordagens epistemológicas possíveis
Triangulação de dados	Uma
Triangulação do investigador	Uma
Triangulação de métodos	uma ou duas
Triangulação de teorias	uma, duas ou mais
Triangulação filosófica	duas ou mais

Fonte: Elaborada pelas autoras (2019)

De modo complementar, a Figura 4 apresenta uma classificação dos possíveis usos de diferentes abordagens. Esta classificação é válida no caso de ocorrer o uso de um tipo exclusivo de triangulação. Convém destacar que, se o uso for da triangulação múltipla, outras configurações podem surgir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos autores questionam o uso da metáfora da triangulação, sob a alegação de que esta faz uso de dois pontos para gerar um terceiro, o que nem sempre é viável e verdadeiro nos diferentes tipos de triangulação. Para elucidar tal aspecto, Ellingson (2009) faz uma analogia com o cristal. Ou seja, por meio de múltiplas lentes, surge uma imagem que melhor representa a consulta qualitativa entre métodos, fazendo uso de mais de um gênero de escrita. Para a autora, esse fenômeno incorpora-se reflexivamente ao pesquisador.

Nesse sentido, os quadros teóricos são condicionados pelos valores e pelos pressupostos da comunidade de pesquisa relacionada aos mesmos. A triangulação não ignora, pois, essas relações. Antes, seu papel é o de configurar-se como um guia preliminar (MODELL, 2009) e corroborar com o aprofundamento do conhecimento, sem anular premissas ou deixá-las unitárias (JOSLIN & MÜLLER, 2016).

Logo, a apresentação da tipologia de triangulação, explicitando diferentes tipos desta, sugere a possibilidade e a pertinência da utilização de múltiplos métodos. Primordialmente, fundamentada em um ou mais paradigmas, a triangulação tem como fundamento primário propiciar maior firmeza à estratégia de investigação dos fenômenos psicossociais.

As características que diferenciam cada tipo de triangulação também são peculiares, haja vista que partem da singeleza da triangulação de dados até a grandeza da triangulação de perspectivas filosóficas

paradigmáticas.

Neste ensaio, buscou-se classificar diversos tipos de triangulação, utilizados na pesquisa social, analisando-se os aspectos conceituais implícitos em seus diferentes níveis, além de buscar as contradições dos paradigmas científicos. Para tanto, procedeu-se com uma incursão nos fundamentos filosóficos que nortearam o surgimento da metáfora da triangulação e nos desdobramentos decorrentes das posturas assumidas.

Nessa perspectiva, ao finalizar o presente estudo, infere-se que as diferenças entre os paradigmas decorrem, substancialmente, de distintas posturas devidamente mencionadas. Diante disso, pode-se afirmar que os debates científicos concernentes aos fenômenos sociais abriram caminho à triangulação, a qual aparece como resultado subjacente aos diferentes movimentos. Assim, a maior ou menor compatibilidade entre as diversas posturas filosóficas engendraram o surgimento das diversas vertentes de triangulação.

Por meio deste estudo, depreende-se que a triangulação tem sua maior relevância na busca por aprofundamentos de pesquisa, tendo em vista contradições e paradoxos, do mesmo modo, na busca de pontos de vista múltiplos e de uso de cognição distributiva.

Quanto aos estudos empíricos, verifica-se a necessidade de investigações que coloquem em evidência a utilização de diferentes graus de triangulação, pois muitos estudos fazem uso desta combinação metodológica, todavia, não a notabilizam na metodologia. Esse fator tem dificultado significativamente a realização de revisões sistemáticas e meta-análises de estudos.

Sugere-se, portanto, que novas investigações sobre a temática sejam realizadas por estudiosos interessados, tendo em vista o fornecimento de alinhamentos e discrepâncias entre as vertentes epistemológicas. Ademais, que tais investigações possam fornecer, ainda mais, contribuições para a devida aplicação em pesquisas na área de Ciências Sociais, aprofundando, assim, conhecimentos a respeito da estratégia metodológica da triangulação.

REFERÊNCIAS

- AHRENS, Thomas; CHAPMAN, Christopher S. Doing qualitative field research in management accounting: Positioning data to contribute to theory. **Handbooks of Management Accounting Research**, v. 1, p. 299-318, 2006.
- ALVESSON, Mats; SANDBERG, Jörgen. Has management studies lost its way? Ideas for more imaginative and innovative research. **Journal of Management Studies**, v. 50, n. 1, p. 128-152, 2013.
- BECHARA, John; VAN DE VEN, Andrew H. Triangulating philosophies of science to understand complex organizational and managerial problems. **Research in the Sociology of Organizations**, v. 32, n. 2, p. 343-364, 2011.
- CAMPBELL, Donald T.; FISKE, Donald W. Convergent and discriminant validation by the multitrait-multimethod matrix. **Psychological bulletin**, v. 56, n. 2, p. 81, 1959.
- COX, Julie Wolfram; HASSARD, John. Triangulation in organizational research: A representation. **Organization**, v. 12, n. 1, p. 109-133, 2005.
- CRESWELL, John W.; MILLER, Dana L. Determining validity in qualitative inquiry. **Theory into practice**, v. 39, n. 3, p. 124-130, 2000.
- CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. Plano. **Designing and conducting mixed methods research**. Sage publications, 2017.
- DENZIN, Norman K. **Sociological methods: A sourcebook**. Routledge, 2017.
- DENZIN, Norman K. Moments, mixed methods, and paradigm dialogs. **Qualitative inquiry**, v. 16, n. 6, p. 419-427, 2010.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Ed.). **The Sage handbook of qualitative research**. sage, 2011.
- DUARTE, Teresa. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). 2009.
- ELLINGSON, Laura L. **Engaging crystallization in qualitative research: An introduction**. Sage, 2009.
- FLICK, Uwe; PARREIRA, Artur. **Métodos qualitativos na investigação científica**. 2005.
- FLYVBJERG, Bent. **Making social science matter: Why social inquiry fails and how it can succeed again**. Cambridge university press, 2001.
- GREENE, Jennifer C.; CARACELLI, Valerie J.; GRAHAM, Wendy F. Toward a conceptual framework for mixed-method evaluation designs. **Educational evaluation and policy analysis**, v. 11, n. 3, p. 255-274, 1989.
- HINDS, Pamela S. Method triangulation to index change in clinical phenomena. **Western Journal of Nursing Research**, v. 11, n. 4, p. 440-447, 1989.
- HOPPER, Trevor; HOQUE, Zahirul. Triangulation approaches to accounting research. **Methodological issues in accounting research: theories and methods**, p. 477-486, 2006.
- HOQUE, Zahirul; COVALESKI, Mark A.; GOONERATNE, Tharusha N. Theoretical triangulation and pluralism in research methods in organizational and accounting research. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, 2013.

- HUSSEIN, Ashatu. The use of triangulation in social sciences research: Can qualitative and quantitative methods be combined. **Journal of comparative social work**, v. 1, n. 8, p. 1-12, 2009.
- JOSLIN, Robert; MÜLLER, Ralf. Identifying interesting project phenomena using philosophical and methodological triangulation. **International Journal of Project Management**, v. 34, n. 6, p. 1043-1056, 2016.
- KELLE, Udo. Sociological explanations between micro and macro and the integration of qualitative and quantitative methods. **Historical Social Research/Historische Sozialforschung**, p. 95-117, 2005.
- KELLE, Udo; ERZBERGER, Christian. Qualitative and Quantitative Methods. **A companion to qualitative research**. London. Sage, p. 172-177, 2005.
- KERLINGER, Fred Nichols. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual**. Epu, 1980.
- KUHN, Thomas S. Book and film reviews: Revolutionary view of the history of science: The structure of scientific revolutions. **The Physics Teacher**, v. 8, n. 2, p. 96-98, 1970.
- LEWIS, Marianne W.; GRIMES, Andrew J. Metatriangulação: a construção de teorias a partir de múltiplos paradigmas. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 1, p. 72-91, 2005.
- LUKKA, Kari; MOURITSEN, Jan. Homogeneity or heterogeneity of research in management accounting?. **European Accounting Review**, v. 11, n. 4, p. 805-811, 2002.
- MODELL, Sven. In defence of triangulation: a critical realist approach to mixed methods research in management accounting. **Management Accounting Research**, v. 20, n. 3, p. 208-221, 2009.
- MORSE, Janice M. Designing funded qualitative research. 1994.
- POOLE, Marshall Scott; VAN DE VEN, Andrew H. Using paradox to build management and organization theories. **Academy of management review**, v. 14, n. 4, p. 562-578, 1989.
- SHIH, Fu-Jin. Triangulation in nursing research: issues of conceptual clarity and purpose. **Journal of advanced nursing**, v. 28, n. 3, p. 631-641, 1998.
- SMITH, H. Strategies of social research. the methodological imagination. estrategias? de investigacion social. la imaginacion metodologica. 1981..
- TASHAKKORI, Abbas; TEDDLIE, Charles; TEDDLIE, Charles B. **Mixed methodology: Combining qualitative and quantitative approaches**. Sage, 1998.
- TASHAKKORI, Abbas; TEDDLIE, Charles (Ed.). **Sage handbook of mixed methods in social & behavioral research**. sage, 2010.
- THURMOND, Veronica A. The point of triangulation. **Journal of nursing scholarship**, v. 33, n. 3, p. 253-258, 2001.
- TORRANCE, Harry. Triangulation, respondent validation, and democratic participation in mixed methods research. **Journal of mixed methods research**, v. 6, n. 2, p. 111-123, 2012.